



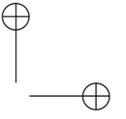
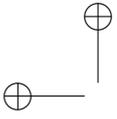
**Eu Sou a Verdade:
para uma Filosofia do
Cristianismo**



Ana Paula Rosendo

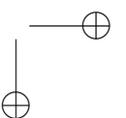
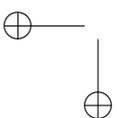
2011

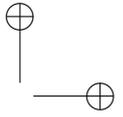
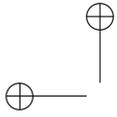
www.lusosofia.net



LUSO Sofia:press

Covilhã, 2011





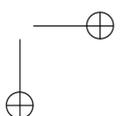
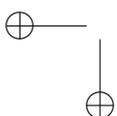
Eu Sou a Verdade:
para uma Filosofia do Cristianismo
Recensão

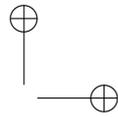
Ana Paula Rosendo

Obra recenseada: Michel HENRY, *Eu Sou a Verdade: para uma Filosofia do Cristianismo*, trad. port. Florinda Martins, Lisboa, Vega, 1998, 325 pp.

A tradução da *C'est Moi la Verité: Pour une philosophie du christianisme* foi apresentada ao público português na Universidade Católica (UCP), contando com a presença do autor e com a apresentação de Manuel Barbosa da Costa Freitas e de Florinda Martins. Michel Henry e os apresentadores consideraram-na como um bom contributo para um diálogo inter-religioso na medida em que a fenomenologia material ou fenomenologia da vida pode constituir-se como o chão comum, o fundamento para um ecumenismo “porque a relação dos seres humanos entre si passa pela relação de cada um com a vida”.¹ Apesar da possibilidade de se poder fundar um diálogo inter-religioso em torno desta obra, não desenvolveremos o tema nesta recensão por notória falta de espaço e de cabimento. Contudo, alertamos para a possibilidade de se entrever um bom caminho para novos desenvolvimentos na investigação.

¹ Florinda Martins, *Recuperar o Humanismo*, Parede, Principia Editora, 2002



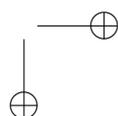
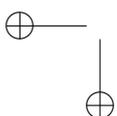


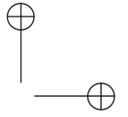
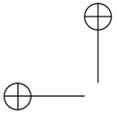
A pergunta a que Michel Henry pretende responder nesta obra é “o que é que no cristianismo pode ser considerado como verdade?”. Na sua óptica, a Filosofia distingue-se da teologia porque a primeira procura os seus pressupostos, enquanto a segunda parte de uma verdade. Misto de Teologia e de Filosofia é o próprio Henry que nas considerações preliminares tenta estabelecer as fronteiras entre uma e outra, defendendo-se das acusações que lhe são feitas de não ser nem uma nem outra. Voltemos, então, à questão essencial que pretende ver respondida e que é “Qual é a verdade na qual o cristianismo se funda?”

Na resposta a esta pergunta destacamos dois momentos da obra que considerámos de maior relevância porque capazes de ajudarem a elucidar melhor a nossa situação concreta e quotidiana de viventes que ao experimentarem a Vida em si se angustiam e interrogam. O primeiro momento é o do Homem como filho de Deus e como filho no Filho, isto é, a nossa condição antropológica. O segundo momento é o da redenção ou do renascimento que a ética cristã proporciona à nossa condição de esquecimento, similar à do Filho Pródigo.

Nos primeiros capítulos da obra, Henry opõe a verdade do mundo à Verdade segundo o cristianismo porque Deus é Deus vivo, mas a vida absoluta não aparece no mundo, é invisível e nele não se revela. É interessante verificarmos no capítulo V dedicado à fenomenologia de Cristo, o modo como Henry ilustra a inversão que o cristianismo faz relativamente à verdade do mundo, através da rejeição feita por Jesus da genealogia humana “porque só a Vida dá vida e o vivente não está à altura de o fazer”.² O Arqui-Filho (Cristo) não é gerado no mundo e o seu nascimento faz-se a partir da Vida na sua essência, porque o nascimento real e efectivo não se dá a partir de outro ser vivo, mas a partir da Vida propriamente dita: “Jesus Cristo não nasce do sangue, nem da carne, nem do

² Michel Henry, *Eu Sou a Verdade*, trad. port. F. Martins, Lisboa, Vega, 1998

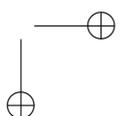
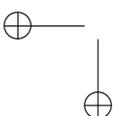


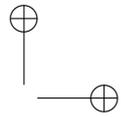


querer mundano”.³ O Arqui-Filho é Verbo, é *Logos* e é também revelação para nós Homens acerca da nossa condição, fundando uma antropologia nova, a antropologia cristã. Ele é o primogénito, ipseidade absoluta inaugurando-nos enquanto seres transcendentais. Não foi “projectado” na vida permanecendo a ela ligado numa unidade essencial com o Verbo que é Deus. Cristo manifesta o Pai (a Vida) neste mundo e, por isso, rejeita toda a genealogia mundana, pois a revelação do Arqui-Filho não é uma revelação qualquer, é a revelação de Deus (Verbo /*Logos*), da Vida Absoluta. Por isso, a Vida é auto-revelação e “o dizer de Deus” (o Verbo que se fala a si mesmo). Conclui-se que a fenomenologia cristã é uma fenomenologia cuja fenomenalidade é a Vida e não o mundo, versando o *Logos* que é a Vida. Esta verdade absoluta que é a vida não se conhece através da verdade do mundo. Portanto, a genealogia mundana de Cristo, segundo Henry, não faz qualquer sentido para o cristianismo e de forma simples e clara ficam esclarecidos os dogmas sobre a origem de Cristo, assim como sobre a origem e características da nossa condição.

O segundo ponto que escolhemos destacar na obra é a importância da ética cristã. Segundo Henry, o cristianismo releva muito a posição do indivíduo na vida pois considera que o indivíduo não é possível sem a vida, assim como esta não é possível sem o indivíduo. A Vida coincide com a ipseidade e sem ela transforma-se num conceito vazio. Contudo, a ipseidade dos sujeitos (o ego) não é a fundadora da realidade da vida, havendo uma ipseidade essencial, a ipseidade transcendental de Cristo que é, simultaneamente, condição essencial quer do indivíduo, quer da Vida porque constitui-se como o seu *Logos*, encontrando-se no começo de tudo e advindo antes do aparecimento de um qualquer eu transcendental. A Ipseidade transcendental de Cristo é anterior ao mundo, antiga como a vida e eterna como ela. O Homem é filho da vida no Arqui-Filho e na sua ipseidade originária co-engendrada. É a ipseidade origi-

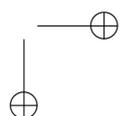
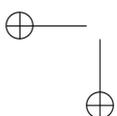
³ Idem, p. 77 e ss





nária e transcendental que vai originar os vários Eus que são “Eu Posso”. O que caracteriza o ego é estar na posse destes poderes, podendo desenvolvê-los como muito bem o entender ou achar útil. Os poderes coincidem com o eu e encontram-se à sua disposição. O Eu encontra-se na posse destes poderes que lhe foram outorgados e para cada poder há um não poder que radica na passividade do eu. Toda a liberdade tem, assim, a sua origem no eu posso e a plena liberdade de que o ego se vê apossado conduz à ilusão transcendental do ego que se transforma em fundamento de si mesmo. O poder outorgado ao ego fá-lo pensar que tudo deriva de si e que ele tem a capacidade de se originar a si mesmo. É assim que se dá o esquecimento da condição de Filho, pois o ego sobrepõe-se à sua condição. Projecta-se no mundo e torna-se a si mesmo no centro de todas as preocupações, fazendo das suas ilusões a sua realidade. Um aspecto muito interessante e digno de relevo sobre a questão do “Eu Posso” é a do “cuidado com o mundo”. Michel Henry considera este “cuidar” como uma das maiores ilusões egóicas, uma tentativa de se apossar do mundo determinando-o, atente-se no que nos diz a este respeito: “o esquecimento do Homem da sua condição de Filho atinge o seu maior paroxismo sob a forma de cuidado. Quer o egoísmo, quer o cuidado são duas formas de ilusão transcendental do ego.”⁴ Na sua óptica, o cristianismo opõe-se a este “cuidar” porque esta forma que o “Eu Posso” assume conduz-nos ao esquecimento da nossa condição de Filhos levando-nos, inclusivamente, ao esquecimento do nosso ego. Tal como a Vida, o Ego também é imemorial e invisível não se dando a conhecer pelo que ambos tendem a ser desvalorizados pelo pensamento moderno de Kant a Heidegger, incluindo o estruturalismo, o marxismo e as teorias freudianas. O problema da modernidade e a sua necessidade de certificação, ou o seu mundanismo, conduzem o Homem a tornar-se num Filho Pródigo da Vida.

⁴ Idem, p. 142 e ss



A ética cristã é o modo que o Filho Pródigo (condição humana do esquecimento) tem de retornar a casa do seu Pai, renascendo e encontrando a salvação.

Henry lembra a importância que a *praxis* tem no cristianismo, pois mais do que em palavras, este baseia-se em actos, porque o “fazer dá vida a si mesmo como auto-doação”.⁵

Contudo, o agir deverá ultrapassar o exercício de poderes que iludem sobre a origem da acção e que a colocam no ego como princípio, meio e fim. O agir do ego atribui-se a si mesmo tudo o que faz e coloca-se como a sua finalidade única. Portanto, o eu deverá esquecer-se de si para atingir a Ipseidade essencial, deixando de agir por e para ele próprio, passando a acção a ser realizada em nós pelo Arquifilho: “É Cristo que vive em mim.”⁶ A misericórdia assim como a caridade fazem esquecer o ego como finalidade última e ajudam ao esquecimento de si. É pela obra de misericórdia que se encontra a salvação e o fazer sobrepõe-se ao conhecer.

Michel Henry denuncia, sistematicamente, ao longo da sua obra que há dois modos de fenomenalização (duplicidade do aparecer) que são a verdade do mundo e a verdade da vida. Ora é também e, sobretudo, na acção que nos deparamos com esta duplicidade da sua manifestação pois ser e parecer muitas vezes não coincidem. Veja-se o que nos diz a este respeito: “No cristianismo a realidade da acção é vista como algo de falacioso e os fariseus querem passar por justos aos olhos dos homens”.⁷

No cristianismo o agir é subtraído à objectividade, assim como a lei à moral. Contrariamente aos antigos mandamentos, a nova lei cristã é uma lei viva e não um noema vazio, algo de ideal. O mandamento do cristianismo é viver, não de um ponto de vista biológico que procure meramente a harmonia e o “bem viver”, mas um viver na vida absoluta, cumprindo a sua essência. O único Manda-

⁵ Idem, p. 156 e ss.

⁶ *Ibidem.*

⁷ Idem, p. 216 e ss

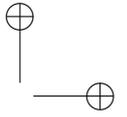
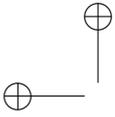
mento de Cristo é viver no amor e, por isso, mandamento e acção devem tornar-se numa mesma realidade. Contudo, esta valorização da *praxis* que o cristianismo introduz leva-nos aos seguintes paradoxos: 1º o Homem justifica-se pela sua obra e não pela sua fé. 2º A salvação do Homem deve-se à sua obra, à sua fé, ou à graça?

Os paradoxos do cristianismo permanecem os mesmos e mostram que a verdade está muito para além da mera compreensão racional da mesma. Deste modo, transformam-se em sinais permanentes dos limites do nosso entendimento. Porém, estamos em crer que estes paradoxos constituem um verdadeiro desafio para a nossa liberdade, para o “Eu Posso”, pois obrigam-nos a fazer uma opção. A opção de Michel Henry, consentânea com nossa, é a da *praxis*, a da acção. Porque o Homem vive neste mundo e uma fé edificada num “além terra” substitui-se à transformação do mundo. Como a verdadeira habitação do Homem é neste mundo, não se devem inventar mundos fantasmagóricos onde lhe seja possível realizar-se.

Uma das principais críticas que a modernidade faz ao cristianismo é, precisamente, a de tentar edificar um novo reino que se encontra fora do mundo. Concordamos com o autor quando este afirma que fora do mundo só poderemos encontrar uma subjectividade vazia, “um céu imaginário”.⁸ Nada no Homem se opera se não considerarmos o seu ser social e a realidade da acção cristã não se encontra num “céu vazio”, mas na acção concreta. É claro que a acção não deve ser encarada exclusivamente como algo mundano e objectivo porque, como nos diz Henry, “. . . a tese do cristianismo é a de que a vida é invisível, assim como a realidade; pois a fruição que a vida faz de si mesma não é passível de ser vista.”⁹ Por isso, os pressupostos indispensáveis à acção consistem na doação a si do ego, que é doação na vida absoluta, assim como o estabelecimento de uma distinção clara entre o conteúdo do mundo e a verdade deste. O conteúdo do mundo é a essência invisível da

⁸ Idem, 269 e ss

⁹ Idem, p.292



vida e as características mundanas do ser humano são consideradas secundárias para o cristianismo, como ilustra a citação de S. Paulo feita por Henry: “Não há judeu nem grego, servo ou senhor, homem ou mulher”.¹⁰

Qual é, então, a verdade na qual o cristianismo se funda?

O cristianismo mostra-nos que a nossa relação com o outro não é uma relação entre egos e que o ser em comum entre todos é a nossa condição de Filhos. Portanto, a relação entre os Homens não se funda num si, mas no Si transcendental fundador de todos os egos. Assim, a nossa relação com o outro só é possível em Deus. O problema é que, infelizmente, o filho vive projectado no mundo e fascinado por ele, só se ocupando daquilo que nele se passa. A condição de Filho é esquecida e de filho passa a ego, surgindo as ilusões transcendentais do ego das quais destacámos o egoísmo e o “cuidado” que é um “cuidar” farisaico tendo o ego como finalidade. O esquecimento da condição de Filho torna o Homem num Filho Pródigo da Vida que só retornará a casa do seu Pai seguindo o único mandamento de Cristo que é o amor.

¹⁰ Idem, p. 294

